

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



LUVAS DA CASA HENRY USADAS POR MADEMOISELLE SCHALLY (PRÉMIO DE BELEZA)

(Foto Manuel Frères)

EXIGIR COM ESTE NÚMERO A FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid

ECOS

LUÍS DEROUET

FALAR do atentado que o vitimou é desnecessário; já todos os portugueses que merecem tal nome o verberaram e conaram. Fica apenas nestas linhas uma expressão de saudade pelo amigo que perdemos, porque Luís Derouet era um amigo de «Voga»; para as suas colunas nos prometera um artigo sobre «ex-libris» femininos que neste número seria publicado se a morte o não prosseguisse.

Uma última homenagem, portanto, ao seu talento, ao seu carácter, às suas esplêndidas qualidades de trabalhador inteligente.

O ÚLTIMO capricho da Senhora Moda é o da pele de serpente. E assim que Sua Majestade Moda houve por bem decretar que era de bom-tom e de bom-gosto usar e gostar de pele de serpente, logo todas as damas se vestiram, se agasalharam, se enfeitaram dos despojos de mil cobras africanas.

O «veau mort-né» morre (e desta vez devêras), para dar lugar à serpente — subtil como a Mulher. E esta, sobre um vestido rematado por cinto, gola e punhos de serpente, ostenta o seu riquíssimo casaco de pele de cobra. Na mão, essa mulher elegante leva a malinha feita — essa também — da pele do mesmo réptil; e, pendurando-se-lhe do braço, o chapéu de chuva, de cabo de pele de serpente, acompanha-lhe com o seu balanço o ritmo do andar. Nos pés mimosos da mimosa elegante, uns sapatos — quasi tão pequeninos como os da Gatinha Borralheira — calçam-na como luva e debram-se, eles também... a pele de serpente!

Não sei que paixão é esta que a Mulher sente agora pela Serpente... Será uma reminiscência do Eden perdido? Será o sentimento duma afinidade mútua: a da subtilidade de ambas?

La até dizer — se não receasse a cólera das minhas queridas leitoras: — será a convicção de que ambas são um pouco irmãs?

Seja como for! A Serpente está em voga, a Serpente reina com a Mulher, e a Mulher ama contemplar-se envolta nos despojos daquela que outrora, há milhares de séculos lhe fez, irremediavelmente, perder o Paraíso... por causa duma pobre maçã.

D E Paris afirmam-nos estarem contados os dias do cabelo à garçonne. Já em moda estão as nuças encaracoladas e esta é — segundo parece — uma simples transição para os cabelos compridos voltarem breve a reinar. «Uma simples transição» — dissémos nós. Nem sempre ela é muito simples, pois há raparigas (aquelas cujo cabelo obstinadamente se recusa a encaracolar) que tanto trabalho teem para o obrigar a formar lindos frisons, que até criam... cabelos brancos. A transição deixa, pois, de ser simples. É uma transição... encaracolada, por vezes, de mil dificuldades.

Digam, pois, as nossas queridas leitoras, um comovido adeus ao cabelo à garçonne. Estão contados os seus dias...

(P ROVINCIANA) escreve-nos aflita com o requinte dos modelos da «Voga» e diz-nos que, é do tempo das «camisas de pano cru». «Provinciana» enganase. A camisa de pano cru nunca existiu. Desde o pecado original, em pleno Paraíso, que as camisas são de pano cosido... à mão ou à máquina.

Não lhe parece?

UMA senhora de mau génio (Mademoiselle S. B.) zanga-se desabaladamente com a nossa cronista por ter falado das violetas esquecendo os crisântemos que são mais lindos porque não cheiram... Francisca de Ayre, comovida, prometeu-nos educar o olfacto no sentido de apreciar a beleza das flores. Depois falará dos crisântemos.

S ão tão numerosos e frequentes os concursos de Beleza que difícil nos será, entre tantas e sucessivas eleitas da nossa terra, saber qual é realmente a mais bela. Cada júri tem seu parecer: por isso dizem que a Perfeição é relativa...

Se esta mulher é, pelo rosto, a mais formosa, aquela tem uma rara elegância de corpo; outra terá, esplendendo entre feições banais, uns olhos magníficos; e terceira, tal graça no porte e no andar que se fica a nossa vista perdida no rastro de seus pés.

A nós parece-nos ter cada mulher a sua beleza peculiar. E, como homem que somos, sabemos bem declarar que todas elas, a nossos olhos, são elegantes e são formosas.

Quanto à mais formosa entre as formosas, essa... un jour viendra...

AQUI PARA NÓS...

SEM TÍTULO...

A s vezes lembra-me escrever a minha vida. Uma folha em branco na minha secretária pequenina, de muitas gavetas, tenta-me. Segreda-me a vaidade de falar de mim e então empunho o estilografo e no alto da folha escrevo as palavras sacramentais de todos os cadernos de memórias: — «Nasci em...» e não escrevo mais. As duas palavras logicamente seguintes, que seriam o mês e a data, aterraram-me e no alto da folha fica apenas: — Nasci...

E é muito, é a síntese de todas as vidas. Nascer é começar. O resto são acessórios da existência. E depois esse facto de nascer não me pertence. Foi obra pura do destino que podia perfeitamente (e misericordiosamente) ter-me deixado no rol das coisas possíveis...

No alto da página fica então o verbo fatal e eu nada digo. Enrolo-me no labirinto de mim mesma para que os outros saibam apenas que nasci e nunca saibam para que tenho vivido.

O livro da memória faz-se então automaticamente na minha lembrança e eu leio-o como se fora escrito para outrem, tão outra eu sou agora daquela que passa como heroína nos actos lembrados.

As vezes pergunto-me durante o desenrolar dum quadro passado: — Mas eu fui essa mu-

lher? Eu sofri tanto? Eu senti com tamanha intensidade? Amei com tão grande veemência?

O espelho, a memória, o tempo, respondem-me então: — Não eras tu... Era outra a que sofreu, amou e sentiu. Não eras tu. A tua alma era outra; o teu coração não é o mesmo; os teus nervos sensibilizam-se diferentemente... Então invade-me uma ternura piedosa pela rapariga, por aquela boa rapariga que fui e o destino me não deixou continuar a ser. Tenho saudades dela; se ela não fôsse apenas um fantasma da memória, eu queria beijá-la, passar-lhe os dedos pelos cabelos, enxugar-lhe a primeira lágrima furtiva e... se eu tivesse coragem para isso, malá-la, para que morresse em pleno sonho, para que nunca pudesse, mercê do tempo volvido, da injustiça do mundo e da maldade das coisas, tornar-se nesta ruína sonâmbula que não é triste nem alegre, que não é boa nem má, e que, muitas vezes, num alheamento abstrato de tudo e de todos, chega a duvidar que nasceu e que vive ainda.

A final escrevi alguma coisa da minha vida e eu não queria... Paciência.

FRANCISCA DE AYRE.

PELO ESTRANGEIRO

O FORTE «SEXO-FRACO»

E STÁ actualmente provado que a mulher vive em média mais quatro ou cinco anos do que o homem.

As últimas estatísticas publicadas pelas «Companhias de Seguros de Vida» revelam uma longevidade muito maior para o sexo feminino, em comparação com o período normal de existência «deles».

Atribui-se este «fenómeno» ao facto de que a mulher é sempre fisicamente mais resistente desde o nascimento até à morte, do que o homem, podendo por isso esquivar-se com maior facilidade ao contágio de qualquer doença do que os indivíduos do sexo masculino.

A sua existência decorre ainda num ambiente menos agitado e assim, a percentagem de centenários do sexo masculino é de treze para um!

Realmente, depois de, em quasi todas as profissões, estar já provado que o desenvolvimento mental da mulher é tanto ou mais perfeito que o do homem, julgamos que já é tempo de ser classificado como «forte» o sexo que até agora era conhecido como «fraco».

AUTOMOBILISMO FEMININO

E M Paris, não é fácil desprezar uma prova oficial de automobilismo feminino, sendo por vezes, estas corridas, verdadeiramente sensacionais. Preside quasi sempre a duquesa Uzès, a Diana sexagenária, com lhe chamam os cronistas dos jornais, sempre indiscretos... Dirigindo da sua tribuna presidencial, a senhora duquesa, com imperiosas reverências, dá a saída à grande fila de automóveis, que partem consoante as variadas provas.

A primeira prova é de destreza. Sobre um terreno arenoso, traça-se um complicado itinerário. De espaço a espaço, colocados ao acaso, sacos de terra, com uma bandeirinha, evocam a silhueta do viandante. É uma prova curiosa. Ao volante, as mãos brancas, esforçam-se por ser exactas.

Para satisfazer o itinerário caprichoso, os automóveis zig-zagueiam sobre o traçado, e de vez em quando, um saco estripado e uma falta a registar.

A segunda prova é de velocidade. Começa por eliminatórias sobre uma pista de cimento. Depois vem a acabar numa estrada, em dez voltas, sobre o circuito aberto.

É uma temeridade. As mulheres são, no sport, mais audaciosas do que os homens.

A terceira prova é um certame interessante. É a prova da elegância. As desportistas enra-

çadas, desprezam esta prova. Não correm, deslizam para revelar o capricho do bom gosto. Passam lindas silhuetas brancas em carros amarelos. Perfis em pele de cobra num automóvel forrado de pele de lagarto.

Lindas automobilistas, vestidas de vermelho, guiando carros negros. Outras de cor de prata, em carros de alumínio, e outras verdadeiras bonecas, todas de ouro, com os seus veículos de púrpura...

Um crítico muito severo alvitava que esta prova se deveria realizar com os rostos encobertos numa máscara.

Talvez tenha razão o crítico austero da prova de elegância automobilista. Poderá o júri classificar, na prova da elegância, uma candidata que as linhas do rosto ou a cor dos olhos não correspondam à beleza do gesto, quando imprime a direcção ao carro?

A CORCUNDA DAS MULHERES FUTURAS

E M resposta à comunicação apresentada pelo sábio inglês dr. F. G. Parsons, de que as mulheres tendem a ser mais altas, um outro sábio americano afirma que aí pelas alturas do ano de 2000, as mulheres serão todas miopes... marrecas!

O ilustre sábio baseia-se na comprovada teoria da persistência das atitudes e como as necessidades da vida moderna profissional obrigam quasi toda as mulheres a passarem um terço da sua existência curvadas sobre carteiras, máquinas de escrever ou de coser, mesas de costura, de engomar, pianos, etc., este homem de ciência está convencido de que todas as mulheres das gerações futuras apresentarão uma sensível falta de vista, acompanhada por uma deformação torácica que se manifestará por uma pronunciada corcunda resultante da atitude persistente durante gerações sucessivas.

A fim de evitar este fenómeno fisiológico, o sábio americano advoga a renascença dos catres rígidos, das cadeiras de espaldar vertical e a abolição completa de todos os estofos, colchões de arame, «maples», etc.

Segundo a opinião dos darwinistas, foi a necessidade de procurar atingir os frutos pendentes das árvores, que habituou o homem — perdão! — a mulher e o homem, a andar de pé e em conformidade com a teoria do sábio americano, se continuamos por este caminho, fazendo a nossa vida assim curvadas, acabaremos, não por ser corcundas, mas simplesmente por... andar com as mãos pelo chão!!!

PELO SUL DE PORTUGAL

O NOSSO PRIMEIRO «RAID»

Hontem 5, saíram de Lisboa num esplendido carro NASH, marca representada entre nós pela firma Orey, Antunes & C.^a Ltd.^a o secretário da redacção da «VOGA» e um fotógrafo das nossas revistas. Vão percorrer as províncias do Alentejo e Algarve com o fim de estreitar ainda mais as relações da Casa Aillaud, Ltd.^e com os seus agentes e o publico, levando a toda a parte noticia das nossas revistas e indagar e documentar as justas aspirações das regiões percorridas para que da nossa parte, e nas paginas da «Ilustração», «Magazine Bertrand» e «Voga», pugnemos pela sua realização demonstrando a sua urgencia.



Mademoiselle Madeleine Perdrige

A s rainhas da moda aceitam de bom grado a sua realeza efémera, orgulham-se dos seus triunfos, vivem entre aplausos e madrigais e não pensam um só momento onde lhes vem o sceptro e a corôa, que mã de fadas lhes deram o seu condão de rainhas. Ninguém se lembra das mãos das costureiras, mãos de pobres pobres mãos urdindo maravilhas no triste ambiente do sótão ou dum oficina.

A quem será destinada a obra sumptuosa das mãos de Mademoiselle Madeleine Perdrige, primeiro prêmio do concurso de 28 de Outubro que a nossa gravura representa?

VIDA ELEGANTE

C OMO já lhes disse, este período de transição do outono para o inverno é um período de pausa obrigatória na vida mundana, de Bruges, que os cuidados da reinstalação servem passado de feliz pretexto. É o período grave da escola das del de novas toilettes, a hora crítica dos dispêndios de inevitáveis sacrificados aos caprichos da moda, e todas estas impressões são também imprime-as sin gnadas pela nostálgica recordação da vida viva, toda a r e risonha dos meses estivais, a saudade dos dias, as ren gos horizontes, das paisagens soberbas de cor. É sobre rido, das nossas paisagens tão sugestivas, um boca alegria de viver...

Demais, este outono, aparecendo de súbita que nós com os seus dias luminosos, a temperatura stomecme ve, num esplendor de aspectos como se tivéssemos e mais mos regressado ao verão, não contribui para esta pá dige-se a verdade, para esta mole incerteza de estudar que vivemos, a interrogar o Calendário sobre a verdadeira época do ano que decorre!

Como se não estivessem aí os crisântemos, a flor da saudade, a imperar nos jardins, pado, exen nos tirar de dúvidas!...

Continuamos, pois, na expectativa. Dois três casamentos elegantes, que se anunciam para este final de ano, não dão assunto de muito e basta para o realce das crónicas mundanas. A Parada de Cascais, que nos últimos anos transformara em casamenteira, falhou a época, limitando-se a ser apenas um viveiro flirts, mais ou menos florescentes...

Temos, portanto, de ir aguardando com ciência que apareçam os primeiros indícios de vida mundana, entreteendo a nossa curiosidade com aqueles — diz-se... — que são quasi sempre tenues sombras que, a breve trecho, se o vertem em plenas certezas.

Diz-se, por exemplo, que está para breve casamento do herdeiro dum título que recorda o esplendor de grandes feitos mundanos — tempos idos. Ela... bom não levantemos o véu.

Diz-se, também, que estão em projecto o inverno que se aproxima, várias festas de ridade, devendo uma delas, pela originalidade do seu programa e graça natural dos seus intérpretes, conquistar um justificado êxito.

Entretanto, vão os amadores de dança apresentando as três novidades que a «União dos Professores de Dança» recomendam este ano, preferência ao Charleston e ao Blak-Bottom, titulam-se Kincajou, Iole e Rhythmic Steppe.

Uma delas, o Kincajou, foi procurar a gr dos seus meneios ao gato selvagem.

Escusamos de comentar! É para se admirar de longe.

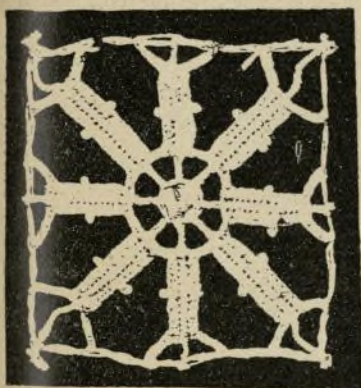
TRABALHOS FEMININOS

RENDAS



RENDAS! Espuma leve que mãos femininas em todos os tempos amaram manejar. Espuma delicada por mãos de mulheres tecida; maravilhosa espuma que uma mulher, silenciosamente, foi fazendo nascer da ancuro das linhas!...

Elas são tantas, as rendas que a Mulher, na sede de Beleza, soube criar, modestamente, penumbra doce do canto da lareira, en-



quanto velava um filhinho deitado em seu berço, enquanto recatada, esperava seu marido, os serões compridos de invernos tormento-

Rendas! Há nelas, no subtil à jour das suas linhas, um imponderável quê do capricho feminino; o Sonho que se desfez em espuma, a fragilidade formosa duma formosa mu-

lher são tantas, tão variadas, as rendas que a mulher soube inventar! Há-as finíssimas, como as de Bruges, antigas, cuja cor e perfume lem-

bram passados tempos, lendas perdidas... Há-as deliciosas, como as nossas tão lindas rendas de bilros de Peniche, que a mais e mais se aperfeiçoando...

Há-as simples, modestas: singelas rendas de toda a mulher pode aprender a fazer no seu trabalho de agulha, de tão fácil execução.

É sobre estas que nós hoje vamos conversar um bocadinho com as nossas queridas leitoras. Para começar, é das mais singelas rendas que nós nos vamos entreter por enquanto: começemos pela Veneza, uma das mais lindas e mais antigas rendas de agulha.

Nesta página, podem as nossas gentis leitoras estudar três interessantes motivos dessa renda. Os dois quadrados pequenos são os mais simples. Nada mais fácil do que decalcá-los sobre uma tela preparada, fazendo-se o desenho a tinta China, e, voltando a tela para o lado enver-

gado, executa-se sobre ela a renda. Quando se passar o desenho sobre a tela, é possível utilizar a régua e o compasso, o que facilita muito o decalque. Por este meio pôde-se



até aumentar ou diminuir o tamanho dos motivos de renda, conforme se quizer. Deitam-se primeiro as linhas que formam os lados, a cruz e o X; os círculos e os semi-círculos completam a armação e executam-se a ponto de recorte (como no bordado Richelieu).

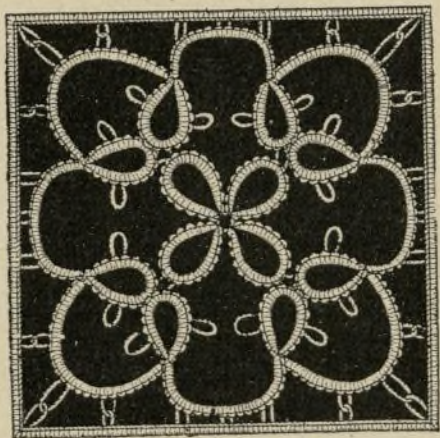
Este ponto pode ser dobrado ou triplicado, como se vê pelos desenhos. As ramificações mais leves são feitas a ponto de cordão.

Este deve ser o primeiro a fazer-se. Depois, todos os pontos de casa; quando no meio destes, houver um «picot», faz-se com o auxílio dum alfinete ou duma agulha.

Os círculos serão executados sempre no fim, picando-se a agulha nos pontos de recorte que se forem cruzando no caminho. Remata-se fazendo a roda do meio a ponto de passagem.

Quanto ao quadrado grande, em renda de Veneza também: as explicações dadas acima prestam-se igualmente para este. Depois de ter recoberto a ponto de cordão as linhas rectas que, todas elas se veem entrecruzar no meio do quadrado, faz-se a roda do meio a ponto de passagem. A seguir, faz-se o ponto de casa (ou de recorte) no primeiro círculo partindo-se do meio, pára-se a cada «picot» fazendo-se este — como já dissemos — por meio duma agulha ou dum alfinete.

Para o segundo círculo, executar três filas de pontos abertos tomando nos dois últimos um fio da linha com o ponto precedente. Uma vez terminadas as palétas em ponto de recorte dobrado, torna-se a dar um ponto de casa nas suas bordas, assim como na terceira fileira do segundo círculo. Estender linhas para os triângulos e preencher estes a pontos abertos. Cercar os contornos dos triângulos a ponto de recorte. Rematar com o grande círculo exterior, à *ponto male*, (três turnos), e fazer as *barrettes* que o ligam ao quadrado de encaixe. O tamanho desses quadrados (4 centímetros de lado) torna-os muito úteis para toda e qualquer aplicação: roupa branca de corpo, de casa (como estores, *brise-bise*, etc.). Conforme a grossura da linha de renda com que foram executados, poderão servir para incrustar-se, ou no linho grosso das bolsinhas de guardanapos ou de ca-



misa de noite, nos *napporons*, nos abafadores para bules, etc.; ou então no *linon* das almofadas, dos *sachets* laváveis, etc. Até sobre sedas encorpadas ficam bem.

A sua execução nada tem de maçador nem pode levar muito tempo. Até pelo contrário: uma menina considera esse trabalho quasi igual a um recreio.

Um ou dois motivos de *crochet*; dois quadrados de frioleiras, um entremeio de *filet*, — eis o bostante para inspirar as nossas leitoras, cujas mãos, habituadas a tecer com uma agulha as mais deliciosas rendas, não encontrarão grandes dificuldades nestes singelos motivos.

E depois... é tão linda, uma linda cabecinha de cabelos cor de triga maduros ou negro-azulados de meridional, inclinada suavemente sobre uma linda obra, rendilhada, exuberante de desenho e de fantasia, renda que há de fazer a beleza e a graciosidade dum lindo cantinho num alegre lar?

Quão preferível não é que uma senhora faça gala nas suas obras de bordados, rendas e futilidades, a vê-las inva-

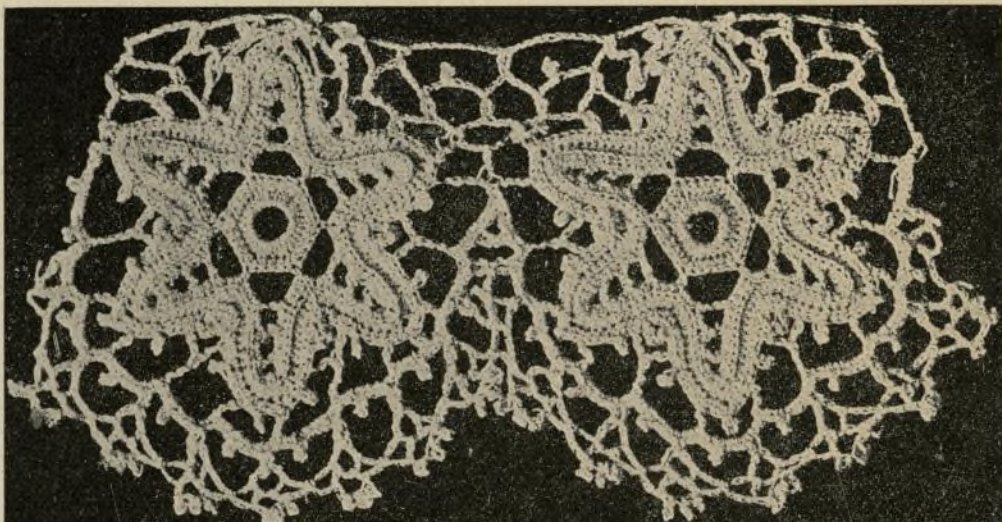
dir, desgraciosamente, as actividades puramente masculinas, em detrimento do seu verdadeiro papel de fadas bemfazejas.

Sem querer advogar o estilo de educação «Gata borralheira» acho preferível, nas mãos duma senhora, um lindo trabalho de rendas a um bisturi cirurgico ou um processo-crime.

AS RENDAS E A VISINHANÇA DO MAR

Já que falamos de rendas vamos dizer às nossas leitoras o que pensamos ou melhor, o que nos sugeriu à vista dessas obras das mãos femininas, tão leves, tão graciosas, tão cheias de encanto (as obras e as mãos...) que prendem os olhos e nos levam para longe, para bem longe da prosa da vida.

Eu creio que as rendas devem a sua origem



ao desejo de imitação das espumas do mar. Foi de certo a orla franjada duma vaga rebelde que lembrou a primeira renda.

Em abono desta teoria, só minha, que eu saiba, há o facto notório de serem as povoações ou cidades marítimas aquelas onde a indústria das rendas se exerce desde séculos:

Valência, Venesa, Peniche tem as suas rendas célebres e as suas ondas domésticas. Ao norte da França, na Bretanha druidica todas as aldeias fazem renda, nas povoações de pescadores da costa escocesa o bilro é um objecto familiar.

Por toda a parte onde o mar se franja de espumas as mulheres do povo ou as castelãs dos solares copiam-lhe a leveza da espuma e nas cabanas da riba, pelos serões intermináveis de inverno, confunde-se com o rallo longiquo das ressacas o ruído seco dos bilros.

Para mim é ponto de fé a influência do mar sobre a arte das rendeiras. Qualquer observador se convence da verdade desta afirmação examinando uma tira de renda. É a mesma leveza, o mesmo rendilhado (é o termo) a mesma brancura imaculada a mesma frivolidade de coisa leve que nasce para embelesar para dar vida ao negrume dum penedo ou a escuridão dum veludo negro.

Portanto fique assente — para mim pelo menos, que as rendas nasceram das espumas como a Venus Grega e que são como ela cheias de graça e de belesa.

E assim é. Todas as vezes que na linguagem humana se quer dar uma impressão de finura ou de leveza indistintamente se diz leve como como renda ou leve como as espumas.

É a própria linguagem a dar às rendas a sua origem marítima assimilando, conjugando numa idéa única de delicadeza as rendas e as espumas, o trabalho das tecedeiras de bilros e o trabalho das ondas. Quando se quer lembrar a graça delicada do século XVII, o século dos madrigais logo vem à memória e dela aos bicos da pena a frase sempre reptida e sempre nova — punhos de renda.

Nesta evocação está o elogio inteiro dessa belesa futil tecida com fios de linho e tão leve, tão graciosas que ficou em todas as

línguas como símbolo da gentileza e como imagem de tudo quanto é leve, delicado e belo.

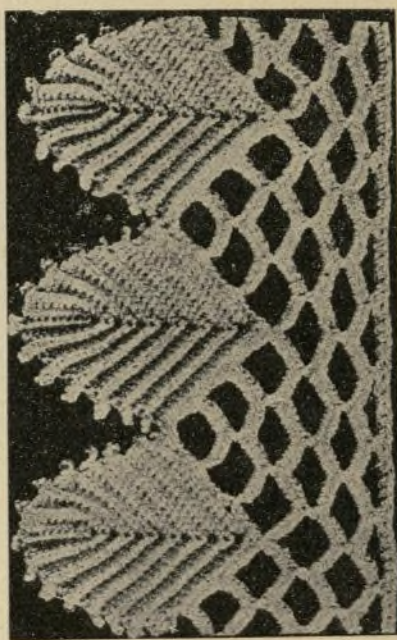
Por isso os coleccionadores pagam a peso, de ouro não, que seria bem pouco mas quasi a peso de diamantes as pequeninas amostras



que o tempo nos legou intactas e que na corte dos Reis Católicos e na República dos doges quebraram com a sua gentileza vaporosa a rigidez dos brocados nas «toilettes» pesadas das donas dos séculos idos.

Hoje a grande indústria apoderou-se dos processos antigos e, quando não podesse substituir a mão pela máquina tratou de industrializar o fabrico das rendas que, se ganhou pela barateza e pela fartura, muito ficou a perder na originalidade e na belesa.

No entanto ainda há quem teça rendas como se teciam nos séculos longínquos. Ainda



há mulheres elegantes que prefiram essas ao producto moderno que tem contra si a propria perfeição exagerada das coisas feitas à máquina.

Brevemente diremos às nossas leitoras algumas palavras sobre a indústria das rendas em Portugal indústria que, mercê de Deus, ainda merece a qualificação de Arte.





COZINHA

JANTAR

Sopa do Convento
Perdizes à Marengo
Filetes de vitela recheiados

SOBREMESA

Maças fritas

JANTAR

SOPA DO CONVENTO

Deitam-se numa panela dois litros de água, meio litro de feijão branco, uma porção de cenouras cortadas, outra igual de nabos, também cortados, bastante aipo, uma cebola, alguns cravinhos e sal. Põe-se tudo a cozer, até que os feijões se possam esmagar facilmente. Passa-se tudo pelo passador e aproveita-se sómente o caldo. Nêste, cose-se uma porção de tapioca e, quando estiver bem cosida, deita-se-lhe um pouco de manteiga que deve derreter sem ferver e serve-se.

PERDIZES À MARENGO

Tomem-se duas perdizes devidamente preparadas, ponham-se a cozer em fogo lento durante três quartos de hora, numa caçarola coberta, na qual se deitam três colhões de azeite, sal e uma cebola cortada em rodas. Tira-se a caçarola do lume, e dividem-se as perdizes em quartos; tornam-se a meter na caçarola com o molho que nela ficou, ao qual se junta pão ralado, o sumo de um limão, a parte exterior e delgada da sua casca, um cálice de bom vinho tinto, outro cálice de água e duas anchovas. Remexe-se tudo isto ao lume, até ficar tudo bem desfeito e formando um molho, para o que bastam dez minutos, desengordura-se, passa-se pelo passador, e novamente se põe a ferver mais dez minutos, juntamente com as duas perdizes cortadas em bocados.

Serve-se este prato sobre fatias delgadas de pão torrado.

FILETES DE VITELA RECHEIADOS

Tomem-se:

Filetes delgados de carne magra de vitela; cogumelos picados; miolo de pão molhado em leite; presunto picado; um ovo; salsa picada; sal, pimenta e outros temperos; manteiga — 60 gramas — uma chavena de caldo, tiras de toucinho, tantas quantos os filetes de vitela.

Prepara-se um recheio, misturando bem os cogumelos, o miolo de pão ensopado em leite, a salsa, o ovo e o presunto tudo já picado.

No meio de cada filete de vitela põe-se um pedacinho deste recheio, sobre ele se enrola o filete, cobre-se com uma tira de toucinho e segura-se por meio de um barbante.

Põe-se a manteiga ao lume, deitam-se nela os filetes de vitela assim preparados, e põem-se a cozer em toda a sua superfície; em seguida deita-se-lhes por cima o caldo, tapa-se a caçarola hermeticamente e põe-se a apurar em fogo brando durante uma hora.

Serve-se este prato em «canapés», pondo cada filete sobre uma fatia delgada de pão frito em manteiga. Pode-se também deitar, querendo, sobre os filetes, molho de tomate.

SOBREMESA

MAÇAS FRITAS

Escolhem-se boas maçãs, descascam-se, partem-se em quartos e tiram-se-lhes as pevides; põem-se durante algumas horas em aguardente ou rum com alguns paus de canela e casca de limão verde; em seguida tiram-se do líquido, põem-se a escorrer, passam-se em polme de farinha, ovo e água, e põem-se a frigar, até corarem. Servem-se com açúcar.

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gosto pela boa leitura?

— Dé-lhes o

MAGAZINE BERTRAND

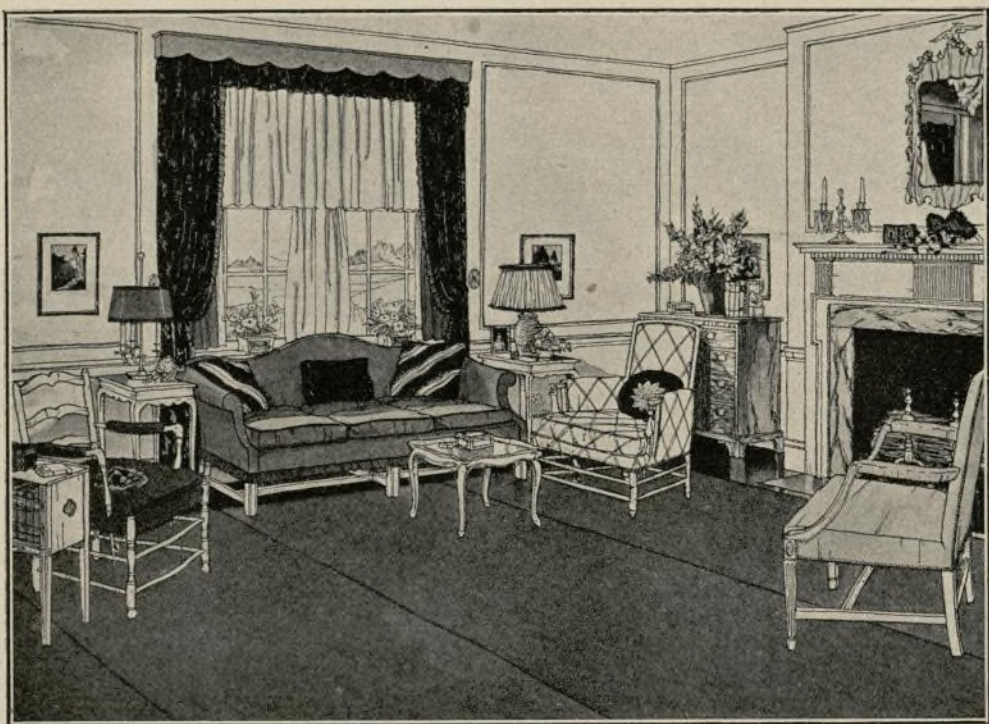
: DO LAR :

UMA SALA MODERNA

É muito difícil mobilar bem casas muito grandes. O segredo não está em encher-las de móveis, de jogos de sofás ou em lhe querer impôr a nudez dos palácios antigos, onde as cadeiras se alinham como estátuas junto das paredes e no centro um bufete nu e orgulhoso diz a toda a gente que o dono da casa é rico e soberbo e que as visitas se devem demorar pouco.

Aqui teem os leitores uma sala em laca, branco e ouro, por exemplo, e estôfo «mau-

ve». O estilo Império emprestou algumas das suas linhas a estes móveis. Os fauteuils, o grande canapé e até a forma de colocar a tapeçaria nas janelas tem as características desse estilo sem lhe conservar o «pesado» que o torna antipático quando absolutamente puro. Quem vive no campo, onde geralmente os compartimentos são amplos, as janelas largas e os horizontes vastos, não deve desprezar este arranjo, que alia a uma grande comodidade uma elegância requintada.



“VOGA” chama a atenção das suas gentilíssimas leitoras para a sua folha de moldes. Fica assim completo o semanário da Mulher Portuguesa, igualando as revistas estrangeiras da especialidade.

INDÚSTRIA PORTUGUESA
OS TAPETES DE BEIRIZ

A indústria portuguesa de tapetes jazia há muito num entorpecimento vizinho da morte. Nas colecções dos amadores ricos existiam exemplares dos velhos panos de Arraiolos, carcomidos da traça e pesados a ouro. Não havia tapetes portugueses que servissem para o chão. Esses poucos a que aludimos, entretalados com mil cuidados, vestiam paredes ou guarneciam vitrines.

Felizmente o espírito português não amortece, antes ganha novas forças e, numa risonha aldeia portuguesa, Beiriz, aparece a Senhora D. Ilda Brandão Miranda, verdadeira alma de artista, que estuda e cria a indústria de tapetes em Beiriz, e com tanto carinho e tanta inteligência trabalhou, que brevemente viu coroados dos maiores louvores e êxitos todos os seus esforços, pois a Fábrica de Tapetes de Beiriz vê hoje os seus tapetes procurados e apreciados por nacionais e estrangeiros.

Na Fábrica em Beiriz — Póvoa de Varzim — e no depósito em Lisboa, Rua Ivens, 30, pode admirar-se uma variadíssima colecção, não só de tapetes, como carpetes, almofadas, passadeiras, etc. O mais exigente artista encontrará para o adorno do seu atelier com que satisfazer a sua necessidade de Beleza, a dona de casa de mais requintado gosto ficará encantada ao deparar-se-lhe a formosíssima colecção de Tapetes de Beiriz. O desenho, as cores, a harmonia do conjunto são absolutamente originais e característicos. A inimitável textura dos Tapetes de Beiriz torna-os apreciados como dos mais belos. Tão notáveis são que a todas as exposições a que concorreram obtiveram as mais altas recompensas, por exemplo no Rio de Janeiro e S. Paulo e ainda em Macau, em concorrência com a indústria oriental.

É sempre grato a portugueses verificar um triunfo das indústrias da nossa terra.



O pessoal da Fábrica de Beiriz



BELEZA

A GRAÇA DO ANDAR

DEPOIS da graça de atitude, vem a parte de conversarmos um pouco, com as queridas amigas, sobre a graça de andar. Pois não é tudo isto, todos os gestos e movimentos da Mulher que, juntando à formosura do rosto feminino, formam a beleza, toda a graça da Mulher?

Poucas mulheres há que saibam andar. Saibam andar, disemos; e é certo. Tã gente julga que, findo o primeiro ano da vida, nós sabemos andar. Mas não. Anas não se sabe andar. A mór parte dos andas mal. E se isto, quando se trate de he não tenha grande importância, no que res à mulher é de imediato reparo.

Há tão poucas mulheres que saibam a isto é: cujo andar seja gracioso e elegante que nós, mal vemos uma que o saiba, a admos deveras, sem notar logo, talvez, a razão ela assim nos encanta.

Mas como andar então? — nos pergun agora as nossas leitoras, impacientes por bô-lo.

Como andar? A primeira condição, para um bonito andar, é dar os passos sem comgimento. A segunda é ter um passo miudo porém em demasia — o que seria ridículo.

Pouse-se primeiramente a ponta do pé no chão, e, logo a seguir, o calcanhar. Isto marcha uma certa elasticidade que não se fatiga menos, como impregna a marcha leveza e de elegância.

Que o andar seja igual, leve, ritmado...

Subindo-se uma escada, não se incline o demasiado para a frente. Que o busto, pelos, fique erecto, a cabeça, inclinando-se ramente para o lado, permite ver os de (sem essa precaução, fácil nos seria dar queda). Pouse-se o bico dos pés na borda degraus e suba-se a escada agilmente, ligmente.

Reparem que lindo é ver uma rapariga assim, numa corrida ligeira, os degraus de escada de mármore...

Hoje está reconhecido, e plenamente, para que a elegância feminina se desenvol atinja a sua perfeição, é indispensável a eção física.

É necessário que a mulher, durante a sua fância, tenha praticado um pedaço de educação física. A ginástica sueca está actualmente adoptada em todos os estabelecimentos de sino. Mas é preciso, passada a infância, abandonar completamente toda e qualquer cação física. A rapariga, a mulher, necess continuar a cultivar o seu corpo, os seus culos, a sua agilidade. Para isso há o exer cotidiano e matinal: um quarto de hora rio de ginástica sueca; e, a par, a març natação, a esgrima ou o hipismo; o remo, etc. Tantos são hoje os desportos feminis que só nos resta o embaraço da escolha.

No tempo em que a mulher foi mais na Grécia antiga, a cultura física feminina considerada um dos pontos principais da cação da mulher. E, como prova que os tados obtidos foram brilhantes, basta-nos templar as soberbas obras-primas da escadesses tempos: o perfeito equilíbrio nas porções, a beleza do porte, o ritmo dos bro, o pescoço esbelto, a cabeça pequena e feita, numa palavra: a perfeição de to corpo humano atingida pela cultura física satamente praticada. (O exagêro, nêste ato como em qualquer outro, daria resulto contraproducentes).

É a serenidade do rosto que se observ magníficas estátuas da Grécia antiga, é bém um resultado daquela educação da da Agilidade e do Ritmo, que as jóvens g presavam como factor que era da sua p Beleza.

É como educação do Ritmo, praticavam a Dança, a dança rítmica — uma das belas expressões do Movimento.

Hoje — e com razão — as danças rítm voltaram a cultivar-se, e consideram-se um melhores meios que a mulher possui para seguir, com a perfeição das formas, um elegante e o suave ritmo de todos os seus vimentos.

Vejam que beleza de atitudes e de e conseguiram as discípulas de Isadora Dui Admirem o ritmo todo harmónico dos curs dalcrose, e de tantas outras academias Dança, que são outros tantos cursos de B

Oxalá em Portugal se comece, enfim, a tivar a Dança e o Ritmo, como dois dos cipais factores da Beleza feminina!

MARIA TERE

A EXPOSIÇÃO DE "EX-LIBRIS" NA IMPRENSA NACIONAL



A Portugal cabe esta glória, porque é verdadeiramente glorioso um certame estético, em que artistas de todas as nacionalidades, conhecidos uns, outros ignotos, concorrem com as suas concepções pitorescas, idealizadas caprichosamente, a propósito da confecção dessas pequenas estampas que, afixadas na frente de cada livro, nos revelam simultaneamente a alma do

alemão; ao passo que, nos «ex libris» de procedência latina, há um ar de espiritualidade mais sentimental que ressalta da própria leveza das linhas do desenho.

Neste esplêndido certame as mulheres teem



um papel de destaque, já pelo grande número de expositoras, já pelas artistas autoras dos preciosos quadrinhos dos «ex libris», já enfim pelas femininas figuras que nesses quadrinhos estão representadas em estéticas formas e posições.



artista e, mais ou menos, a psicologia do proprietário do volume. Mais direi, porque a observação o demonstra: comparando as coleções dos «ex libris» expostos, catalogadas segundo as nacionalidades de que procedem, nota-se em cada coleção o cunho do carácter nacional respectivo. Assim, por exemplo, «ex libris» de proveniência germânica é manifesta no rosto e atitudes dos personagens desenhados a concentração do pensamento e a energia máscula do povo



Um maravilhoso concurso de arte, cuja contemplação nos enche de suaves emoções!

Portugal, até há pouco, no conceito dos estrangeiros, era considerado como a terra infesta onde se cultivavam as revoluções sem fim; agora com esta exibição artística de «ex libris» recebidos das cinco partes do mundo, reabilita-se a pátria portuguesa pelo culto que presta às manifestações da arte pura. Razão tinha, pois, o sr. Luís Deronet, com este certame, tinha feito a melhor das diplomacias em favor do nosso país. Bem haja por isso o erudito jornalista que com tanto critério dirigiu a Imprensa Nacional.

Também constitui para os portugueses e, sobretudo, para as mulheres de Portugal, motivo justo de nobre orgulho o facto de, nesta exposição mundial, haverem sido conferidos os dois primeiros prémios a uma artista portuguesa, a



senhora D. Raquel Gameiro Otolini, já consagrada no escol da estética nacional por tantos e tão notáveis trabalhos saídos do seu lápis e do seu pincel. Para ela vão também as cordiais felicitações de «Voga».



QUEREM SABER?

FRIVOLIDADES QUE INTERESSAM AS LUVAS

O QUE DEVE SER

A EDUCAÇÃO PRÁTICA DAS MENINAS

TIRAR NÓDOAS DAS CAPAS DOS LIVROS E DAS LUVAS DE PELICA

COM o tempo as capas dos livros encadernados, sobretudo em carneira, adquirem nódoas que os afeiam. Tiram-se esses defeitos do seguinte modo: desnata-se uma porção de leite, dissolve-se depois nêle um pedaço de sabão, e leva-se o líquido ao lume, até ferver, continuando a ebulição, até que o leite adquira a densidade de um xarope; agita-se então, para formar espuma, e esta serve para, com um pedaço de flanela, se esfregar a encadernação nos pontos em que há nódoas, as quais desaparecem logo, como por encanto.

Este processo é também eficaz para tirar nódoas das luvas de pelica.

LIMPAR PELES DE ABAFO

NÃO é preciso descoser-lhes o fôrro; basta levantar os pêlos, empregando uma flanela polvilhada de farinha, a qual se faz passar varias vezes por sobre a pele, até que esta fique bem limpa; depois do que, sacode-se a pele para fazer sair toda a farinha e, por fim, passa-se-lhe movamente por cima dos pêlos a flanela sem farinha, para a pele ficar como nova.

NÓDOAS DE FRUTA NOS LENÇOS

EMBEBE-SE a parte manchada em água de Javel que se vende nas farmácias e passa-se rapidamente por água fria, umas poucas de vezes. O mesmo processo se emprega para tirar as nódoas de vinho tinto mesmo que sejam antigas.

A água de Javel deve só empregar-se em lenços brancos porque tem o condão de desbotar as tintas.

RESEA um velho ditado: «São precisos três reinos para fabricar uma boa luva: a Espanha para lhe preparar a pele; a França para a talhar; e a Inglaterra para a coser».

Na época do grande Brummel, chamavam a todo o «dandy» ou «petit-maitre» luva amarela.

O cavaleiro d'Orsay editou uma regra despótica: «Um vero gentil-homem da *fashion*, — diz elle, — deve usar, por dia, seis pares de luvas — a saber: De manhã, para guiar a «brisk» de caça — luva de pele de gamo; durante a caça — luva de pele de camurça; para voltar a Londres, em tilbury, após uma volta por Richmond, de manhã ainda — luva de pele de castor. De tarde, para o passeio em Hyde-Park ou para acompanhar uma «lady» nas suas visitas ou compras, e oferecer-lhe a mão à descida da carruagem — luva de pele de cabrito, de cor, com galão de *soulache*; para jantar fora — luva amarela de pele de cão; e à noite, para o *raout* — luva de cabrito branco bordada a seda».

Hoje é um pouco menos tirânico o cerimonial... Contudo, época houve em que elle o foi mais ainda que no tempo do elegante Brummel.

Na Idade-Média, havia a luva ordinária, a luva de «falcão», a luva do «operário», a luva «feminina», a luva «militar», a luva «senhorial», a luva «litúrgica». Nas batalhas e torneios, o guante de ferro. Sob as altas abóbadas de velhas catedrais, os bispos officiaram calçados de compridas luvas feitas de seda bordada e guardadas de rendas do mais alto valor!

Escreveu-se, a respeito do assunto «luvas», toda uma biblioteka: mais de 1.500 volumes...

No século XV e durante a Renascença, a luva constitue um artifício predominante e magnífico na «toilette» — tanto feminina como masculina. Num só ano, Carlos VI de França usa 251 pares de luvas, e a rainha Isabeau 135 pares. Os homens andavam, ainda mais que as mulheres, encantados com as luvas. Por esse tempo, a grande moda é a luva de pele de cão, recoberta de pele de almiscareiro e abotoada com pequeninos botões de ouro.

Oferecer um rico par de luvas a alguém con-

stituia um acto de submissão ou de homenagem.

Na rua, era mais corrente levar as luvas na mão do que tê-las calçadas; hoje dá-se exactamente o contrário. Os donzeis de Auvergne enfiavam as luvas no próprio cinturão.

É proibido aos juizes tomar lugar no tribunal tendo as mãos enluvasadas. Interdito é também apresentar-se perante o Rei doutra forma que não seja de mãos nuas. O vassallo arrancava da luva na presença do seu senhor. Os fieis descalçavam as luvas antes que entrassem numa igreja. Se acaso dois amigos ou parentes se encontravam e mutuamente se estendiam as mãos, era dever seu, previamente, desluvarem-se. Faltar a tal principio de saber viver considerava-se uma má-criação, até mesmo um sinal de desafio. Contudo, estando de luto pesado, nunca se devia trazer as mãos enluvasadas.

Na véspera do dia de São Bartolomeu, Carlos IX calçava luvas subidas até ao cotovelo.

O grande filósofo francês Montaigne escreveu estas linhas originaes:

«Custar-me-ia tanto passar sem luvas do que andar sem camisa».

Havia também outrora — e não as há ainda hoje? — as luvas de noite para conservar macias as mãos das damas. Embebiam-se essas luvas em uma mistura de malvasia, ambar gris, almiscar, benjoim e mais perfumes.

A dinastia dos Valois era fanática dessas luvas olorosas.

E Joana de Albret, a mãe de Henrique IV, morreu por ter provido um par dessas luvas, habilmente preparadas por um charlatão de Itália, amigo da vingativa Catarina!

Mas este facto, aliás bastante tenebroso, não é de molde a causar-nos uma desmedida admiração.

Hoje, nos tempos pacíficos que vão correndo, em que a humanidade se envenena com elegância e sem dar por isso, com o tabaco, o ópio, os perfumes, há muita gente que morre... por um par de luvas como esse que Mademoiselle Schally nos apresenta calçando os seus lindos dedos na capa da *Voga*.

FINETTE.



moda é a mais caprichosa das deusas; chega a parecer mulher, tanta a facilidade com que va-

ria, tanta a astúcia com que põe em jogo linhas, cores, peles e veludos.

Como se isto lhe não bastasse, ainda ela foi buscar às florestas a pele das serpentes e aos rochedos os cristais de «strass» que, depois de sábiamente lapidados, vão representar de diamantes nas mais variadas peças de vestuário... cintos, fivelas, motivos ornamentais, etc.

E este etc. é imenso como a fantasia dos costureiros e o capricho das elegantes.

Esse capricho procura a *Voga* satisfazê-lo. Já no passado número, *Voga* inseria quatro páginas de moldes de caprichosa fantasia.



Casaco taupe
(Modelo Vergne - Foto Manuel Ferraz)

Casaco "berje" Vestido
crêpe de Chine
(Modelo Bernard - Foto Manuel Ferraz)



Modelo Peard
(Foto Henri Manuel)

Saia em veludo com blouse
em casha berje, guarnecida
do mesmo veludo

(Foto Henri Manuel)

ELEGÂNCIAS DE INVERNO

Chapéu de feltro e veludo
com enfeite de strass

(Modelo Louis - Foto Henri Manuel)



Pequena "loque" em
crêpe de Chine e veludo

(Modelo Mario Gui - Foto Manuel Ferraz)

Modelo Peard

(Foto Henri Manuel)



Modelo Cora Marson

(Foto Manuel Ferraz)

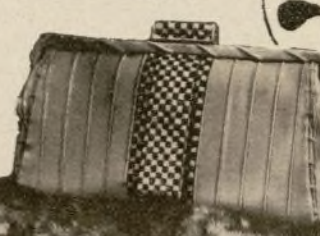
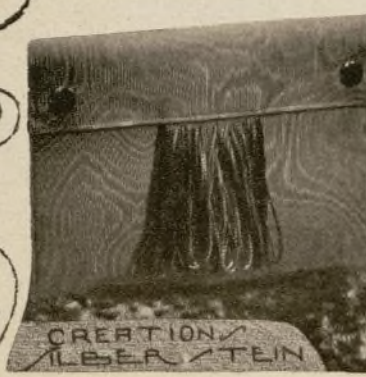
Casaco em Ca
racoule e peles
(Cassa Vergne - Foto Manuel Ferraz)



Après-midi em crê
pe de Chine

(Modelo Bone Sae - Foto Henri Manuel)

Modelo Lucie Restour
(Foto Henri Manuel)



EU NÃO SEI...

PRESTAR SOCORROS EM CASO DE ENVENENAMENTO

COMEÇAREMOS por dizer que, no caso de envenenamento ou de simples suspeita d'êlo, é obrigação moral da família mandar imediatamente chamar um médico. Contudo nalgumas circunstâncias da nossa vida, sucede não termos prontamente um clínico e, sendo o envenenamento quasi sempre de efeitos rápidos, é preciso acudir sem demora ao doente.

Nestas condições apenas, note-se bem, é que aconselhamos os seguintes recursos, enquanto não chega o médico.

O primeiro cuidado a haver com a pessoa envenenada consiste em lhe fazer evacuar o veneno, qualquer que este seja. Essa eliminação pode fazer-se pela bôca ou pela via rectal, ou melhor ainda, por ambas as partes simultaneamente.

Se a ingestão do tóxico é muito recente, provável é que êle se encontre ainda exclusivamente no estômago, e então importa provocar logo o vômito. Para isso, há a conhecida mecânica de introduzir um dedo nas guelras e titilar ao de leve a úvula ou «campainha». Outro meio eficaz de promover o vômito é a ingestão de um decilitro de água morna, na qual se fazem dissolver cinco gramas de sal comum (cloreto de sódio).

Se há boas razões para supormos que o veneno teve já tempo de seguir do estômago para o intestino, então devemos preferir a ingestão dessas mesmas quantidades de água, com a diferença de que a água, em vez de morna, tem de ser dada inteiramente fria, para que o sal possa agir no intestino, provocando uma rápida purgação, ao mesmo tempo que produz o vômito.

Aguardando a chegada do médico, se o doente, assim tratado, perde os sentidos, fazêmo-lo respirar vinagre ou sais de «toilette». Em caso de persistência do desmaio, mete-se um ferro, por exemplo, um martelo, am água a ferver, enxuga-se logo e applica-se, mas só por instantes, sobre a pele do peito.

Nalguns casos o doente resfria consideravelmente: convém então friccioná-lo com energia, empregando para isso uma flanela e envolvendo-o depois em cobertores de lã, ou aplicar-lhe compressas quentes, ou ainda sinapismos nos pés ou nas pernas.

Torna-se indispensável em tôdas estas situações agir ponderadamente, sem demoras, nem precipitações, e, principalmente, sem manifestações affitivas, que enervem ainda mais o pobre doente. Êste precisa também de ar puro, constantemente renovado; por isso convém que no aposento onde se encontra estejam apenas as pessoas necessárias ao seu tratamento.

Por fim, e quanto antes melhor, chega o médico, e êste prescreverá o mais que para o caso necessário fôr.

RENOVAR AS FITAS

Molham-se com rum, passam-se a ferro, pouco quente ainda, húmidos, entre dois panos, devemos servir-nos de panos muito finos, como cassa, para que o grão do tecido não fique marcado nas fitas.

LIMPAR AS MOLDURAS DOURADAS

As douraduras em regra são tão frageis que, à menor fricção desaparecem, deixando manchas vermelhas. Pode-se empregar agua morna de sabão, alcool, ou enfim uma mistura de claras de ovo com algumas gotas de agua de Javel, como se vende nas farmacias.

COMO SE LIMPA UMA ESPONJA

O uso e a humidade escurecem as esponjas e é sempre desagradavel servirmo-nos delas ficando a impressão de que não estão limpas.

Para lhes volver a côr primitiva basta humedecer a esponja, para a tornar bem permeável, colocá-la no fundo d'uma pequena

vasilha de louça onde se espremeu o sumo dum limão e deixá-la por vinte e quatro horas em contacto com os pedaços do mesmo limão. Passado esse tempo escalda-se com agua bem quente e seca-se ao sol.

Pode também empregar-se uma solução de acido citrico, mas este acido tem a desvantagem de amolecer demasiado a esponja.

LIMPAR OS CANDIEIROS DE PETROLEO

Lavam-se com agua de cal pouco carregada.

TIRAR NODOAS DE GORDURA NOS SOBRADOS

Deitar potassa em pó, deixá-la actuar durante alguns minutos e depois deitar agua a ferver. Quando as nodos de gordura nos sobrados ou nos fatos são recentes ou se encontram em sobrados, fatos ou moveis que a potassa poderia atacar, então tiram-se com essencia de terebentina, petroleo ou benzina.

TIRAR NODOAS DE FRUTA SOBRE A ROUPA BRANCA

Molha-se a nodoa, estende-se o pano com as mãos ambas e queima-se por baixo, a distancia bastante um pedaço de enxofre.

TIRAR NODOAS DE ALCATRAO OU DE GORDURA SUJA

Esfrega-se a nodoa ligeiramente com manteiga; deixa-se ficar durante vinte e quatro horas; ao cabo desse tempo a nodoa dissolve-se na manteiga, tira-se então esta por meio de essencia de terebentina. Se num tecido claro ficar uma nodoa avermelhada, esta é produzida por oxido de ferro e tira-se pelo processo applicado ás nodos de ferrugem.

TIRAR NODOAS DE TINTA NOS SOBRADOS, NOS MOVEIS E NA ROUPA

Estende-se sobre a nodoa uma pitada de sal de azedas; molha-se com agua a ferver. As nodos de tinta com que as crianças enchem as mãos desaparecem esfregando-as com azedas picadas.

LUSTRAR OS CHAPÉUS ALTOS DOS HOMENS

Quando os chapéus de sêda apanham chuva, deixam-se secar, depois esfregam-se brandamente, no sentido do pelo, com uma flanela quente.

COMO SE AVIVAM AS CORES DOS TAPETES

As cores dos tapetes perdem o brilho com o uso. Tratando-se de tapetes caros, tintos com cores vegetais é possível reavivá-los e dar-lhes outra vez o aspecto primitivo.

Pela agaua amoniacal: — Esfregar o tapete com agua a que se juntou uma pequena porção de amonia liquida. Enxugar minutos depois com um trapo seco.

Pelo acido acetico: — da mesma forma juntando á agua 2 por cento de acido acetico.

ENCERAR OS SOALHOS SEM ESSENCIA DE TEREBENTINA

Ha quem não goste do cheiro da terebentina e por isso não use o chão encerado.

Tambem ás vezes, no campo, falta a pomada já feita que nas cidades se encontra em qualquer parte.

Para esses dois casos é que é bom saber como se prepara um bom encaustico para o soalho sem o cheiro e os perigos que oferece a terebentina.

Põe ao lume, sem deixar levantar fervura, um tacho com 3 litros de agua, meio quilo de cera amarela, cortada em pedacinhos, 125 gramas de sabão branco e 100 gramas de potassa cristalizada. Quando tudo está bem dissolvido, tira-se do lume, mechendo sempre até esfriar.

Quando se vai comprar a potassa deve le-

COMO NÓS SOMOS!...

CONTO INÉDITO DE FRANCISCA DE AYRE

— OUVISTE as horas? — Não. Devem ser três. Ainda não passou o correio.

Como se o destino respondesse a esta afirmação, lilintaram ao longe as campainhas da mala-posta.

As duas raparigas filaram a curva do caminho para além do renque de choupos e aguardaram.

— Lá vem!...

Era a massa negra e roncira do carroção que vinha cambaleando na volta da ponte com um ruído cansado de guisos e campainhas.

Súbito cessou o ruído. A caranguejola parára em frente do portão.

Lúcia, a mais nova das duas raparigas, apercebia o coração sobressallado e dizia num fio de voz:

— Se fôr carta para mim, lê tu, sim?... Se fôr muito má não me digas, mostra-ma só d'na-nhã...

A cem metros da quinta ouviu-se de novo a corneta e o trote das mulas.

Minutos depois o caseiro subia ao varandim com um sobrescrito nos dedos.

Lúcia arrancou a missiva das mãos do servo e leu avidamente os dizeres do endereço:

— «Leonor de Castro». Toma, é para ti, deve ser da tua irmã...

A amiga viu a letra do sobrescrito e confirmou.

— Estúpido, não achas?

acontece ter medo de receber noticias d'êlo... E Raúl não escreve! É a primeira vez que me

— É, sim, é da Lourdes... Ainda bem que o Leonor não respondeu. Absorvia-se na leitura da carta da irmã.

Lidas as quatro páginas voltou a folha para decifrar as linhas atravessadas. Leu tudo e ficou a pensar. Depois disse para a amiga, filando-a nos olhos:

— A Lourdes fala-me aqui de vocês, de ti e do Raúl... Diz que não percebe a attitude de ambos.

— Tem pouco que perceber. Da minha parte é bem simples...

— Mas vocês romperam definitivamente?

— Era natural que assim fosse... Eu te digo porquê. Há oito dias escrevi uma carta ao

☞ ☞

var-se um frasco de boca larga para a trazer porque, em contacto com o ar, dissolve-se e queima os tecidos a que chegar.

Uma vez applicado este encaustico deixar secar durante umas horas para que o chão tome bastante brilho quando se lhe passar a escova.

LIMPAR OS CHAPÉUS DE PALHA PRETA

Escova-se o chapéu com uma escova branda para tirar-lhe o pó, depois esfrega-se com uma boneca de cassa embebida em alcool, quando está bem limpo pinta-se com a mistura seguinte: água tépida, 150 gramas de dextrina; uma colher de café de tinta preta, derrete-se bem a dextrina. O chapéu fica como novo. Os forros dos chapéus têm que ser mudados.

FRISAR PLUMAS

Frisa-se separadamente cada ponta da pluma com o dorso da lamina de uma faca aquecida à chama.

COMO TIRAR AS NÓDOAS DE GORDURA NOS PANOS, FATOS, ETC.

Esfregam-se as nódoas de gordura com pó de greda e deixam-se estar durante vinte e quatro horas. Tira-se o pó com uma escova e acaba-se de tirar a nódoa com agua quente.

Para as golas dos casacos, mangas, calças, etc., tudo quanto se encontre muito sujo, nada há como uma boa lavagem à escova com sabão negro e agua muito quente. Metem-se em agua fria, e por último escovam-se.

Para os vestidos de merino, flanela, enfim, para todas as fazendas de lã preta ou de côr muito escura, a lavagem com páu de Panamá é excelente. Meio quilo chega para uma grande panela de agua.

Parte-se em bocados, ferve-se durante uma hora, tira-se para fóra do lume e quando a mão pode suportar o calor da agua, introduz-se nesta a fazenda que depois se esfrega à escova sobre uma tábua.

Raúl, tão áspera, tão má, que só um corte de relações lhe podia servir de resposta. Lendo o que eu lhe disse não pode perdoar-me... E se perdoasse...

— Perdôa, sim, êle é doido por ti...

— Se perdoar, sou eu quem lhe não perdôa o ter perdoado, entendes?

— Como tu és, Lúcia!

— Infelizmente sou assim. Só podia querer ao Raúl se êle fosse mais forte do que eu. Se me perdoar é fraco e deixa para sempre de ser o homem que eu tinha idealizado para marido. Se isto acabar eu vou sofrer muito, talvez dê cabo de mim porque sou muito amiga d'êlo; construiu a sua volta todo o sonho da minha vida...

— Mas se perdoar... Vê lá que desgraçado feitiço meu, se perdoar nunca mais olho para êle...

Por isso é que eu tinha medo de receber cartas de Lisboa...

— Tonta!

— Não sou tonta, não! sou orgulhosa. Se êle aqui viesse para me dar um tiro perdoava-lhe de todo o coração e morria contente a beijá-lo, se, pelo contrário, me pedisse desculpa, odiava-o, quero dizer, desprezava-o, o que ainda é pior...

— Bem, então descansa, que êle não te perdôa. É isso que a Lourdes me diz na carta. Pede para eu ser advogada do Raúl junto da tua pessoa no sentido de te obrigar a deitar nos lume as cartas d'êlo e as tuas, que deves receber amanhã ou depois... E se quiseses tratarmos dessa pequenina operação...

— Não quero! Êle pode queimar as minhas pertencem-lhe. As d'êlo, não queimo. A tua irmã que lhe diga isso, uma vez por todas.

Um momento de silêncio. Depois Lúcia foi mirar-se no espelho do tremó; compôs o «maquillage», abriu o piano; tornou a fechá-lo e saltou ao pescoço de Leonor a chorar e a rir a dizer:

— Que bom Leonor! Que bom êle não te perdoou! É um homem como eu queria que fosse! Que bom ter sido assim, que bom!

— Mas, olha lá, se êle não perdoar, está tudo acabado, da mesma maneira...

— Não está, não! Perdôo eu; vou escrever-lhe e êle volta, verás! Casamos para o Natal! Dás-me duas folhas do teu papel «Mauve», dás?

☞ ☞

Não se deve nem torcer, nem machucar com a mão (isto é essencial); põe-se a secar sobre cordas e passa-se a ferro estando ainda um pouco húmida.

A cerveja misturada com agua quente dá um bom preparado; é sobretudo boa para as rendas e para as peças de pequenas dimensões. A agua de páu de Panamá é também excelente para lavar as camisas de flanela; deve-se empregar pouco quente deitar nela a fazenda durante doze horas para não ter que esfregá-la muito, o que a tornaria felpuda.

DAR UMA CÔR DE MARFIM VELHO AS RENDAS E AS CORTINAS BRANCAS

Por uma boneca de cassa chicorea igual que se emprega para o café e deitar-lhe agua a ferver; mistura-se a côr escura assim obtida com goma de camisas em porções variaveis conforme se pretende tomar mais ou menos carregado.

Em todos os casos devemos evitar que alguns grãosinhos da chicoria em pó saiam da boneca e passem para a agua.

TIRAR O MAU CHEIRO DAS GAIOLAS DOS PASSAROS

Aplica-se leite de cal aos poleiros e ao pavimento das gaiolas.

DECALCAR UMA GRAVURA SOBRE PANO FINO

Muitas vezes apetece decalcar uma gravura sobre pano para, com êsse decalque ornamentar uma almofada, um passe-partout ou qualquer outra peça de adorno. A ponta de lápis, por transparência, seria impossível. Há, porém, um modo fácil de conseguir o decalque:

Estende-se perfeitamente o pano sobre gravura e uma vez bem uindo a ela pinta-se com uma camada de colódio. Sendo o pano fino a gravura fica decalcada em todos os seus detalhes. Fazer esta operação longe do lume por o colódio ser muito inflamável.

CHAPEUS

DE SENHORA E CRIANÇA
PALHA, FELTOS E SETINS
ULTIMOS MODELOS
TINGEM E TRANSFORMAM
OFICINA ANEXA

PELAYO RODRIGUES, L.^{da}
Rua Augusta, 220, 1.º — Telefone N. 4204
LISBOA

GOLDEN PALACE

Proprietário: JOSÉ F. DE ARAÚJO

P. DOS RESTAURADORES, 11, S/L. — Tel. N. 3115

O mais chic e bem frequentado

CABELEIREIRO DE SENHORAS

Encontram-se trabalhando neste estabelecimento os habéis profissionais, Julio Rodrigues, Agostinho d'Almeida, Fernando Fernandez, D. Carolina Coelho, Madame Vasques, D. Deolinda Frago e o pedicure Nunes de Carvalho.

Córtex 5000 Ondulação 7050
Lavagem 5000 Declarações 7050
Aplicações Henné desde 30000

VÁRIAS...

O EFEITO PSICOLÓGICO DAS CÔRES

No nosso querido Portugal, não é ainda conhecida a influência que certas cores exercem na vida doméstica.

Na América, este assunto tem merecido a maior atenção e em Londres, o «London Hospital» acaba de proceder a uma série de experiências tendentes a provarem irrefutavelmente qual a influência exercida por certas cores em várias doenças.

Verificou-se assim, que a influência das cores incide principalmente sobre a mentalidade e que — por exemplo — a cor de «rosa velha» é a mais preferível para a cura da neurastenia ou da melancolia inexplicável.

Nas nossas casas, o efeito das cores nas paredes, nos móveis, etc., deve sempre ser cuidadosamente estudado, não só sob o ponto de vista da beleza e harmonia geral como também tendo em vista o seu efeito psicológico no ambiente de pacificação e alegria que sempre devemos procurar desenvolver no nosso lar.

Para os corredores e todos os quartos mal iluminados, devemos escolher certas cores capazes de reflectirem a luz, como o branco absoluto ou o azul claro.

Nas salas de leitura e repouso, as cores mais confortáveis e pacíficas serão o azul celeste ou o verde claro.

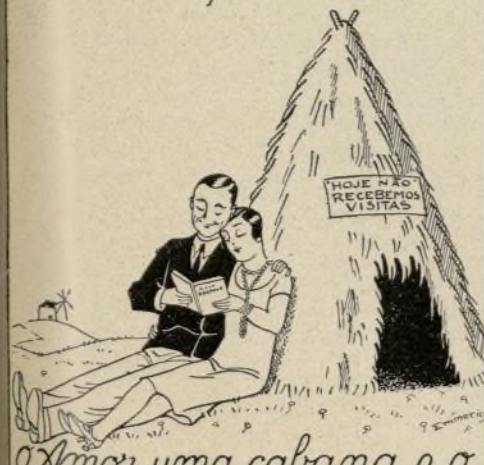
As tintas rosadas e a cor de laranja exercem uma influência benéfica sobre as pessoas facilmente irritáveis.

O azul «marinho», convida à concentração mental, enquanto que o vermelho «sangue de boi» é a coloração mais excitante para o sistema nervoso.

AS MULHERES CRESCEM?

O dr. F. G. Parsons, professor de Anatomia na Universidade de Londres, acaba de fazer uma comunicação científica na British Association (Academia de Ciências de Inglaterra) informando que a mulher inglesa actual, apresenta uma altura média superior à das suas avós. Assim, o dr. Parsons, afirma que «Rapariga 1927», com vinte anos de idade, tem actualmente mais cinco centímetros de altura que as jovens românticas e olheirinhas dos tempos de Nelson ou Napoleão.

Para sermos felizes basta-nos



Amor, uma cabana e o
MAGAZINE
BERTRAND

OS MAIS LINDOS OLHOS DA SCENA PORTUGUESA

QUEM OS POSSUE?

Apuração dos votos recebidos até à hora da «Voga» entrar na máquina:

Auzenda de Oliveira.....	2340 votos
Laura Costa.....	2322 »
Ilda Stichini.....	2301 »
Palmira Bastos.....	2285 »
Beatriz de Almeida.....	1146 »
Elisa de Guizete.....	980 »
Hortense Luz.....	777 »
Maria Isabel.....	756 »
Margarida Ferreira.....	752 »
Lucilia Simões.....	538 »
Aldina de Sousa.....	429 »
Leonor de Eça.....	217 »
Adelina Fernandes.....	111 »
Ester Leão.....	40 »

Berta de Bivar.....	18 votos
Josefina Silva.....	10 »
Adelina Campos.....	8 »
Filomena Lima.....	3 »
Deolinda de Macedo.....	1 »

Para maior facilidade de verificação, pedimos às nossas Ex.^{mas} leitoras o favor de enviarem os seus votos, utilizando-se do nosso coupon e de conformidade com o endereço que se segue:

Concurso dos Olhos

“VOGA”

Rua Anchieta, 25 — Lisboa

COUPON

Os mais lindos olhos da Scena Portuguesa são os da actriz:

(Assignatura)

BINÓCULO

A Revista, de quando em quando, grita um nome faiscante, qual taboleta luminosa em que se contivesse toda a atracção do espectáculo. A *estrela* ofusca muitas vezes o título, o valor e até mesmo todos os componentes da peça. Sucede também equilibrarem-se esses valores, o que dá em resultado o *sucesso*.

Uma *estrela* tem as suas vantagens para uma empresa, quando a artista não exige um desses salários exorbitantes para o qual não há dinheiro que chegue...

É que aguenta uma peça, faz um autor, defende toda uma companhia. Digam lá o que disserem... uma *estrela* com público é metade do êxito garantido. O Teatro de Revista tem tido as suas *estrelas* pagas sempre régiamente e os seus triunfos teem sempre compensado os empresários das suas *estrelas*. Porque não se compreendia dantes uma *estrela* sem *estrelas*. Estas eram todas as fantasias que podiam passar por uma cabeça de mulher, estonteada pela

glória lantejoulante da *féerie*. Se fôssemos a fazer a história das *estrelas* que tiraram o sono aos empresários, nos últimos cinquenta anos, arranjariamos matéria para boa galhofa, de envolta com episódios marejados de saudade.

Hoje em dia, as *estrelas* de Revista já não teem *estrelas*. Os tempos são outros. Mas ganham tanto ou ainda mais que antigamente.

Entre a gente nova, que está a fazer da Revista uma arte dilecta do público, contam-se os nomes de Hortense Luz e de Beatriz Costa. A primeira, a nossa maior *discuse de couplet*; a segunda, artista com o seu quê de excentricidade. Beatriz Costa, pela sua fantasia de composição, pela sua alegria, pelo ritmo vivaz que imprime a uma scena, conquistou um lugar à parte, criou um género.

Estas duas *estrelinhas*, sem *estrelas*, são hoje o mais vivo cartaz para o público e a *mascotte* dos empresários...

UMA ANEDOTA

ESTREIAVA-SE no São Pedro, do Rio de Janeiro, uma companhia lírica de 4.ª ou 5.ª ordem, com a «Bohème».

Logo no fim do 1.º acto, teve que ser substituído o tenor.

No 2.º, a «Musette» desequilibrou-se. O concertante final, um desastre. O 3.º acto decorreu regularmente até à altura do quarteto. Mas a companhia estava positivamente em maré de azar. Uma pateada ensurdecedora coroou a desastinação dos pobres artistas. De todos eles, afinal, só se salvava o baixo, que não tivera ainda ocasião de mostrar as suas faculdades.

Mas restava o 4.º acto... E na altura da «ária» do capote, o homemsinho — um *partichino* de companhias populares — desceu,

de cabeça baixa até à ribalta, um olho no ponto, outra na batuta do maestro...

...E atacou *pianíssimo*:

Vecchia zimarra, senti,
Io resto al pian, tu ascendere
Il sacro monte or devi...

O medo sufocava a voz do artista... Não se ouvia nada.

Um grito estridente debruçou-se das galeias, quebrando a solenidade daquele instante:

«Olha, môço!... Quando você acabar de conversar aí com o maestro, canta qualquer coisa cá para cima!...»

Tiveram que descer o pano.

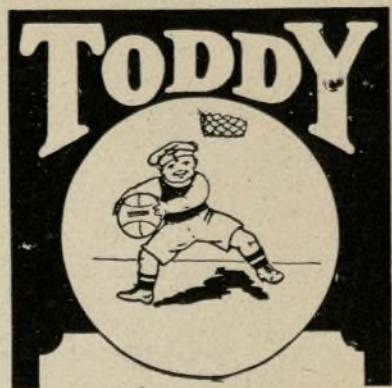
PUBLICAÇÕES DA CASA AILLAUD

ILUSTRAÇÃO MAGAZINE

para os estudiosos e para aqueles a quem interessa uma perfeita documentação gráfica dos acontecimentos mundiais

a unica publicação portuguesa que marcou um lugar insubstituível em todas as famílias que presam a boa leitura

VOGA — A revista de elegâncias que a mulher portuguesa vai eleger como sua companheira em assuntos de bom gosto



Dá às crianças uma saúde de ferro
Alimento energico por excelência para
novos e velhos

À venda nas farmácias, drogarias, confeitarias,
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.^{da}

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

PITORESCOS...

PORQUE RAZÃO «ELES» NÃO GOSTAM DE ESTAR EM CASA?

O «Chicago Social Service Bureau», que na América é qualquer coisa como uma «Repatrição Investigadora Do Que Vai Pela Casa De Cada Um», acaba de realizar um curioso estudo.

Trata-se de procurar saber os motivos por que os maridos, os manos e os papás nunca param em casa durante as suas horas de ócio.

Terminado o inquérito, foi publicada uma estatística com o seguinte resultado:

Dois por cento fogem de casa porque a comida que lhes dão não é bem cosinhada; cinco por cento por causa do génio das sogras.

Oito por cento devido às esposas serem «implicadoras», quatro por cento porque elas não lhes ligam importância e os restantes porque... estão arrependidos de terem casado!

NÓS SOMOS MAIS ESQUECIDAS DO QUE ELES?

A julgar pelo número de reclamações recebidas pelas companhias de transportes, pelos proprietários de hotéis etc., as mulheres são, em geral, mais esquecidas do que os homens.

Tem-se assim verificado que os homens apresentam geralmente uma grande tendência em abandonarem os seus impermeáveis, sobretudo, chapéus de chuva e bengalas nos vestíbulos e corredores, o que torna em parte esses esquecimentos perdoáveis comparados aos das mulheres, que costumam deixar os objectos mais inverosímeis um pouco por toda a parte.

Em viagem, ao deixarem o hotel, são sempre as mulheres que se esquecem das roupas de dormir abandonadas sobre as camas; das escovas, esponjas, sapatos de lona e fatos de banho deixados a enxugar às janelas. Certas chinelas, de sociedade com alguns pares de meias, possuem a arte extraordinária de saber ocultar-se.

O proprietário de um dos mais importantes hotéis de Lisboa, ainda há pouco tempo despachou, por via aérea para Madrid, o respeitável «chinó» de um ilustre diplomata.

Mas este esquecimento em nada se compara ao daquela elegante «touriste» parisiense que na precipitação de apanhar ainda o «Sud Express» deixou pendurado na cabeceira do leito o seu braço esquerdo... de pau!!!





RUTH ELDER

Ao redor de Ruth Elder, a formosa aviadora, havia-se já formado uma lenda fantástica em que o divórcio, duplicando-se, envolvia numa névoa pouco agradável os simpáticos vinte e três anos da jovem e corajosa mulher. A final, tudo foi fantasia — nascida no cérebro anêmico de algum jornalista à *court d'idées*. E, como fantasia que era, evaporou-se, ficando apenas a realidade, mais sã e mais lógica: Ruth Elder é uma gentil *miss*, despreocupada, linda, muito séria e muito feminina. Os seus calções e o seu barrê de aviadora nada lhe tiraram da sua nativa gentileza. E ela é uma das formosas provas de que a Mulher pode escolher, na sua vida, uma carreira difícil, em que a todo o momento arrisque a própria vida, e contudo ficar, plenamente, esplêndida e singelamente — Mulher.

Bem hajam os formosos vinte e três anos de Miss Ruth Elder! Eles têm merecido todo o respeito, a máxima consideração da Imprensa de todos os países por onde essa Senhora tem passado. Não queira ser a Imprensa da nossa terra menos gentil, e, portanto, menos civilizada, que a Imprensa desses países.

A MULHER E A CRIANÇA NOS SPORTS

Nos últimos tempos, o sport admitiu curiosos desdobramentos. A graça da criança e o encanto da mulher passaram a embelezar e envolver de doçura, o exagerado culto da força nas manifestações da vida desportiva. Na natação, ao lado do espírito que estimula a energia física para um «record», há a prova de saltos, em que a preferência é dada à elegância, à perfeição verdadeiramente artística da atitude. No automobilismo feminino, ao mesmo tempo que se promove um concurso de destreza, o júri classifica igualmente como um valor a elegância da condução, através as convencionais dificuldades. Uma linda esgrimista alemã, dizia, não há muito tempo, a um jornalista, que as senhoras deviam trocar o *baton* por uma espada.

O jornalista sorriu numa pergunta tácita, e a esgrimista explicou:

— Todas as mulheres se preocupam com a beleza, e muito especialmente, a sua. Pois a esgrima é para a beleza feminina um elemento muito mais apreciável e seguro do que... as mais perfeitas pinturas.

As mulheres têm hoje uma grande autoridade para enfileirar na orientação estética do sport; o adoçamento do conceito da força, que não pode ser tomado como diminuição forçada ou gentilmente imposta pela mulher, a favor da sua fraqueza física em relação ao homem.

A mulher alcançou em magníficas provas uma situação admirável de competência sportiva, na destreza e até na heroicidade.

A prova da elegância, dos saltos artísticos na natação, não é um simples pretexto ou transigência para que as mulheres brilhem nos sports aquáticos.

Não são as mulheres quem mais vezes insiste na exaustiva prova de travessia da Mancha?

Os últimos «raids» de avião, não são uma boa demonstração da competência feminina nos sports?

A intervenção da mulher e da criança no sport fará, certamente, derivar para um conceito mais belo, a noção do esforço nos exercícios físicos.

Ao desejo, másculo, de ser o primeiro na luta, o primeiro a chegar, a mulher e a criança impuseram o requinte de chegar, sim, mas chegar bem, com beleza, com elegância.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A AUDÁCIA E O EQUILÍBRIO

Aqui estão duas palavras que envolvem um mundo de sedução. A audácia e o equilíbrio. São talvez as virtudes máximas, os dois extremos sobre que giram a segurança e o êxito. O equilibrista da nossa gravura, com a sua bicicleta, está realizando um prodígio de audácia e demonstrando de uma forma impressionante, a vitória do domínio de si próprio.



Naturalmente que esta arriscada prova ultrapassa as fronteiras do sport. De modo algum a poderíamos apontar como um exemplo.

A temerária prova deste arrojado ciclista é uma demonstração de sangue-frio, que nunca se poderia alcançar sem o exercício, sem a prática do sport.

A vida não exige tamanha prova de destreza e de coragem, mas é bom lembrar aquele provérbio indiano: «Apontemos ao céu para atingir a palmeira...»

AS SENHORAS

Cultura da estética do BUSTO por processos científicos de reconhecido êxito
DESENVOLVIMENTO, E AURECIMENTO, REDUÇÃO E EMBELEZAMENTO DOS SEIOS
Dissolução lenta e progressiva do tecido adiposo (GORDURAS) e desaparecimento por completo da elevação do ventre
Centenares de Senhoras se confessam satisfeitas em face dos resultados obtidos
Informações para a provincia a quem mandar selo de um escudo para resposta em carta registrada ao
LABORATORIO ORCEL
Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

TATÁ
CHAPÉLIER EN VOGUE

632
CENTRAL
TELEPHONE

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$00	42\$40	82\$58
Africa Ocidental e Oriental		35\$00	68\$00
Exemplares registados....		45\$40	88\$58
India, Macau e Timor.....		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		46\$40	90\$58
Brasil		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		56\$80	111\$56
Estrangeiro		40\$00	78\$00
Exemplares registados....		60\$80	119\$56

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos às Livrarias Ailland e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

O HOMEM Claude Farrère

QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

Os Persas pagam o imposto ao seu embaixador. Os Gregos traficam em tudo. Os Judeus emprestam a cem por cento; enriqueceriam, se não fossem os Arménios; mas os Arménios arruinam até os próprios Judeus! isto diz tudo. Quanto aos Búlgaros, exercem o contrabando, o roubo à mão armada e o atentado anarquista...

«Ah! coronel! veja o que é andar atrazado do meu século. Estes parvos destes turcos só sabem montar a cavalo e esgrimir com o sabre; e quando emprestam dois centimos, nem ao menos sabem reclamar, por eles, quatro!»

VII

Ora vamos, creio que não hei-de aborrecer-me aqui. A noite passada sonhava eu com uma tragédia à antiga, que se desenrolaria, da próxima à catástrofe, neste incomparável cenário: Stambul e o Bósforo. Ignoro se acharei alguma vez os grandes primeiros papéis indispensáveis. Porém as utilidades e a comparsaria não faltam, e de um extremo ao outro da scena, abunda o pitoresco. Toda esta terra é privilegiada...

Ontem fiz a minha primeira incursão na burguesia do sítio, a burguesia cristã, entende-se. Observei uma casa grega de Yénikeny, onde onde me apresentou o adido militar austriaco, antigo camarada de Londres. E encontrei lá bons elementos cómicos.

Era a hora das visitas; tinhamos-nos encontrado em Terápia, e caminhado juntos ao longo do Bósforo, contornando a baía de Kalender e passando diante do velho quiosque imperial onde outrora foi assinado não sei qual dos tratados russos-turcos. Um pouco mais a jusante, enfileiraram-se palácios arménios ou gregos, por detrás de grades imponentes. Hum! Narciso

Boucher falava de corvos engordados na carne turca... Ora aqui estão uns palácios que parecem estar provando seu dito. São ricos, sim, de uma riqueza insolente e suspeita, todos estes cristãos do Oriente, de quem a Europa, boa pessoa, ingenuamente se compadece há perto de um século.

Cem passos mais além começa Yénikeny: um grande burgo populoso, cortado de jardins com grandes arvoredos. A estrada afasta-se da margem para seguir entre duas filas de casas. Quando chegávamos a uma fachada pintada à grega, com barras horizontais, amarelas e creme (baunilha e limão), o meu Austriaco saudou familiarmente com um movimento de cabeça.

— A hospitaleira residência das Kolouri, conhece...

— Não conheço.

— Hein? ah! por favor, não queira comer-me por tólo!

— Afirmando-lhe que não conheço as pessoas de que fala.

— Não conhece Madame Kolouri? Não conhece as meninas Kolouri? A bela Caliope? A bela Cristina? realmente, não conhece?... Mas então, meu excelente amigo, o que é que tem feito, há um mês aqui?

E arrasta-me pela porta, instantaneamente aberta. Dentro, aquilo parecia-se com qual-quer casa grega de Smirna ou de Salónica. Não a opulência triunfal dos banqueiros ou dos armadores que tem casa sobre o Bósforo, mas um semi-luxo vistoso, a que o confortável é sacrificado. Uma antecâmara nua como um claustro, uma escada de madeira abalada e empoeirada; e a sala. A sala é tão sumptuosa quanto foi possível a seus donos, e está pejada de bibelots, três gueridons, cinco mesas de chá, catorze consolas ou étagères, tudo carre-

cionam aos quatro cantos naturais do compartimento para fazerem doze esconderijos admiravelmente bem combinados. Tão admiravelmente, que ao entrar nesta sala cheia de visitas, a julguei vasia! Impressão de um segundo: os doze esconderijos supraditos palram todos como ao desafio.

Apresentação protocolar. A palavra «marquês» a dona da casa, a princípio muito indolente no fundo da sua poltrona, levanta-se automaticamente. Era o que eu esperava: estamos em Constantinopla.

— Caliope! Cristina!

O terceiro e o sétimo biombo agitam-se. Surge Cristina e Caliope.

— Minhas filhas, o senhor marquês...

Uma surpresa: Caliope e Cristina semelhantes tanto que nunca poderei reconhecê-las e deixar de as confundir. As mesmas feições regulares e firmes, um tanto pesadas; os mesmos lindos olhos negros e longos, a mesma cor mate e quente, os mesmos lábios carnosos. E naturalmente, «tilettes» idênticas.

Tem mais de vinte anos e menos de trinta. Impossível precisar mais. Gêmeas, provavelmente. Mas como é que os seus *flirts* as não confundem?

Entretanto, madama Kolouri toma conta de mim. Abandonou a poltrona e estamos agora sentados ambos no divan do shahnichir — os shahnichires são aqueles balcões fechados e envidraçados que se vêem em todos os andares de todas as casas do Oriente. Na sala das Kolouri, o shahnichir forma um décimo terceiro canto estofado, que uma sebe de plantas verdes torna tão discreto como os outros doze.

Já não está Caliope nem Cristina: voltaram ao abrigo de seus respectivos biombos. De certo eram lá esperadas com impaciência. Outra vez a sala parece deserta, não obstante o

gado de curiosidades pretensamente artísticas. Porém não é nisto que está a sua originalidade: os *bibelots* são nada, em comparação dos biombos.

Na sala da família Kolouri constituem o alfa e o ómega do mobiliário. Abundam. De um extremo ao outro, contei oito. Oito biombos, turcos, persas, chineses, japoneses, franceses, até; oito biombos, todos esbeltos, formando, ao abrigo das suas folhas em zig-zague, oito cantinhos suplementares, que se adicionam aos quatro cantos naturais do compartimento para fazerem doze esconderijos admiravelmente bem combinados. Tão admiravelmente, que ao entrar nesta sala cheia de visitas, a julguei vasia! Impressão de um segundo: os doze esconderijos supraditos palram todos como ao desafio.

sussurro espesso dos doze recantos. Madame Kolouri e eu estamos absolutamente sós, detrá das nossas plantas verdes. Madame Kolouri sorri-me com extrema languidez. De tal maneira se voltou para mim que a sua perna direita está encostada à minha perna esquerda, desde o artelho até ao joelho, e enquanto conversa, a sua mão roça mais vezes a minha calça que o seu vestido. Eu não me mexo; cada um tem de conformar-se com os costumes das terras por onde passa. E madame Kolouri não é nada feia; não se poderia dizer que só possui belas ruínas; e vista assim contra a luz, eu não lhe daria mais de trinta e nove primaveras. Fala. Porém nela as palavras são menos significativas que os gestos. A voz é caracteristicamente grega — rouca, quanto pode ser.

— Então, senhor marquês, veio agora de França? Passou bem?

«Passou bem?» traduzo eu por palpite: «Faz boa viagem?» E respondo: — Sim, senhora. Creio que acertei.

— Tive conhecimento da sua chegada pelos jornais. E desejava muito conhecê-lo. Mas estava certa de que algum dos nossos amigos mais dia menos dia o traria cá, e entretanto fazia paciência.

«Fazer paciência?» Não há dúvida que se fala aqui uma lingua muito especial. Logo tenho outra prova. O sétimo biombo calha impetuosamente. A menina Caliope... ou a menina Cristina? Qual delas?... acaba de levantar-se às gargalhadas.

— Mamã: imagine que madama Filomena divorciou o seu velho vestido verde.

— O marido vai arder — replica madame Kolouri, levantando-se.

E dirige-se para o sétimo biombo. Troca instantaneamente: a menina Caliope substitui-a no shahnichir. Caliope e não Cristina: fiz a pergunta descaradamente, e ela sorriu:

— Sim, eu e minha irmã parecemos-nos muito... é mesmo divertido, às vezes... então o senhor vem de França; passou bem?

A scena recomeça. Para não rir, ponho-me a olhar para a mão, que, sem dúvida, por espírito de família, acaba de se apoiar sobre o meu joelho. É uma linda mão, tratada, um pouco grande; maior que a minha; é verdade que muitas mulheres gostariam de ter a minha mão. A menina Caliope seguiu o meu olhar:

— Oh! feche já os olhos! tenho uma patada medonha. Mas o braço é muito apresentável, não é verdade?

E põe-me diante do nariz para que eu apre- cietamente. Caliope veste uma manga larga, que puxou até à axila. Um beijo rápido.

(Continúa).

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{DA}
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**FOTO-
GRAVADORES**
**BERTRAND
IRMAOS. L^{DA}**
T. DA CONDESSA DO RIO 27
TEL. T. 96

GRAFOLOGIA

PARA uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos, podem todas as Ex.^{mas} Consultantes «Voga», reendereçarem estas mesmas consultas para o «Magazine Bertrand», mediante as condições indicadas na Secção Grafológica desta revista mensal e a indicação do número de pseudónimo sob que foi dada a resposta na «Voga».

O verdadeiro nome ou a morada do cliente só

DEMÉTRIA CASTRO
PEREIRA
ROBES ET MANTEAUX

Chegada há pouco de Paris onde foi adquirir as últimas novidades nas principais casas Mostra a sua colecção de modelos de inverno.

Avenida da Liberdade — Entrada, L.^o da Anunciada, 9, 2.^o — Telefone N. 17

MADAME DE MEMPHIS
GRAFOLOGIA — «VOGA»
Rua Anchieta LISBOA

Só serão enviados pelo correio, os resultados das consultas dirigidas ao «Magazine Bertrand» nas condições indicadas na secção grafológica desta revista mensal, isto é, acompanhadas da importância de — Esc. 2\$50.

N.º 59 — *Baby Gentil* — Lisboa. — Sensibilidade altamente excitada. Temperamento exigente, indomável e fogoso numa ebulição indescritível.
Precipitação impulsiva e arrebatada. Afectividade bondosa e sincera.

N.º 60 — *Saudosa* — Baixo Alentejo. — Simplicidade hesitante e sincera.
Prodigalidade ocasional e vontade maleável aliada a um espírito ponderado e pacífico.

N.º 61 — *Bina*. — Bondade natural e franca. Hábitos de sociedade, sabendo dissimular diplomaticamente as suas antipatias. Vontade altiva e decisiva. Frieza exterior mascarando um coração apaixonado e sensível. Método, energia e saúde.

N.º 62 — *Mira*. — Impressionabilidade dissi-



VALOR

Na importante questão de valor, este novo Quatro é um digno sucessor duma longa dinastia de automoveis «Dodge Brothers».

É capaz de suportar um serviço mais arduo do que outros automoveis porque é construido de melhores e mais resistentes materiais.

Apesar da sua grande velocidade — 100 quilometros à hora — e da sua aceleração — de 0 a 40 quilometros em menos de 7 segundos — é excepcionalmente economico: 9 1/2 litros aos 100 quilometros em prise e a 40 quilometros à hora.

BERNARDINO CORREA, LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS
DODGE BROTHERS

mulada. Simplicidade aparente numa rigidez mal disfarçada. Genio facilmente irritável que uma educação esmerada consegue reprimir.

N.º 63 — *Condestável*. — Método, ambição e iniciativa.

Modéstia, intelectualidade, economia e boa administração.
Doçura de carácter aliada a uma vontade forte mas facilmente maleável.

N.º 64 — ??? — Afectividade bondosa e vigilante.

Extremamente arrumada e ordenada e amando o conforto e a harmonia geral numa calma pouco vulgar.

Sequência de ideias numa infantilidade adulta.

N.º 65 — *Uma noiva de 14 anos* — Espírito copista, num desejo ardente de autosugestio-

nar-se, afastada das realidades inevitáveis de uma existência que debalde julga compreender.

O seu grafismo é uma característica transparente sobre a inconsciência da sua infantibilidade simples e bondosa.

Que o despertar brusco desse sonho que ora a embala, jámais a desengane...

N.º 66 — *Odemira* — Generosidade, franqueza, satisfação pessoal e bondade.

Simplicidade um pouco prejudicada por manifestações ocasionais e irreprimíveis de um temperamento afectuoso e sugestivo.

N.º 67 — *Eneri* — Depressão impondo-se superior a uma vontade forte mas hesitante.

Egoismo inconsciente aguardando oportunidades inesperadas para revelar-se violentamente.

Dispensividade ocasional.

"VOGA" oferece ocupação, que poderá ser rendosa, a senhoras que possam dispor de algum tempo. Dirigirem-se á sua Directora. Rua Anchieta, 52

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

INICIAÇÃO
GEOGRÁFICA

Todos a podem obter, por uma forma simples, desde que adquiram o

COMPENDIO
DE GEOGRAFIA

DE

LUIS SCHWALBACH

A' venda nas

LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Preço 5\$00 escudos

N.º 68 — *Ayereth* — Energia vital, impulsiva e indisciplinada, que por vezes chega a atingir o desequilíbrio nervoso e mental.
Entusiasmo, método, sociabilidade e inteligência.

N.º 68 — *George* — Porto. — Precipitação, coragem e noção exacta das dificuldades e valores desprezados por outros.

Consciência dos seus defeitos e qualidades reagindo contra um estado depressivo sem explicação próxima.

N.º 70 — *Liliana* — Porto. — Boa apresentação cautelosa e cuidada, dissimulando um espírito

CABELEIREIRO
DE SENHORAS

CORTES de cab. lo pelos ultimos figurinos a senhoras e crianças.
ONDULAÇÃO MARCEL, Decorações, PINTURAS em todos os generos. por pessoal habilitado sob a direcção de ALEXANDRE PERESTRELO, no

Salão Elegante das Avenidas — Telefone Norte 49-A, Avenida da Republica, 49-C 5689

rito orgulhoso e intangível mas que a affectividade natural consegue dominar.
Discreção, economia e método.

N.º 71 — *Esirec (E. G.)* — Impressionabilidade, exagêro relativo e nervosismo.

Genio irritável, mobilidade de tendências e indecisão passional.

N.º 72 — *N.ª Mendes*. — Desprendimento extraordinariamente aliado a um carácter generoso e tolerante mas que não perde jámais uma oportunidade para valorizar-se.

Um grafismo digno de uma análise profundissima mas que a falta de espaço me inibe de desenvolver.

Queira consultar-me no Magazine Bertrand.

N.º 73 — *F. F. de A., Sim* — Sensibilidade e intuição ocasionalmente prejudicada por um constrangimento resultante de uma determinada falta de convivência com personalidades mais evoluídas.

Constância, cavalheirismo e fidelidade.

N.º 74 — *Belisa* — Acanhamento combatido por uma inteligência esclarecida e de fácil assimilação.

Afectividade, rigidez de decisões e discreção cautelosa e ponderada.

N.º 75 — *Alfos* — Energia aparente adicionando-se a uma inequívoca vaidade inconsciente e inofensiva.

Inteligência, hábitos de leitura, cultura de espírito e generosidade.

MADAME DE MEMPHIS.



Dorothy Sebastian

AS MANIAS DAS ESTRELAS...

É um título que faria delirar o defunto Camille Flammarion se o tivesse achado para um livro e que daria mais uma parcela de fortuna ao ilustre abade Moreux para juntar aos milhões que ganhou com a edição do seu livro «La Science Mystérieuse des Pharaons». E no entanto não se trata, já se vê, de nenhum fenómeno astronómico e não se diz «uma estrela tem manias» com o mesmo espanto como se diria «Venus mudou de trajectória» ou «a Ursa perdeu o rabo».

Nada disto: as estrelas (estrelinhas rutilantes do cinema, já se deixa ver) têm manias várias, pitorescas umas, embirrativas outras, todas a revelar o que se chama em vulgar... uma aduela a menos.

E realmente, algumas manias raíam pela loucura enquanto outras, sejam justas, são simples maus hábitos no fundo simpáticos e inofensivos.

Ao primeiro grupo, às manias arrelia-

vas, pertence a extravagância de Dorothy Sebastian, que a nossa primeira gravura apresenta.

Esta linda menina, estrelinha simpática,

grandes olhos, muito grandes, sorriso gaiato, dentes alvíssimos a assomar provocadoramente detrás da polpa carnuda dos lábios violentamente carminados, viu-se um dia ao espelho e notou que tinha uns lindos braços roliços, assetinados, modelados com perfeição inexcelsível... Vai daí o que fez?... O que faria qualquer outra?... Mas então, a regular-se pelo que pensaria neste capítulo qualquer das suas semelhantes, a belíssima estrela da Metro arruinar-se-ia na compra de braceletes, pulseiras, fios de pérolas que abraçassem ternamente os lindos braços ou quicá de algum apaixonado marido que lhos vestisse de beijos, numa adoração... Pois nada disso!... Dorothy Sebastian, como boa americana que se preza, deliberou... aplicar-lhe o «Trade Mark»...

Cogitou, portanto, longamente, sobre a maneira de imprimir nos seus lindos braços uma chancela que lhe conferisse o direito de propriedade para todo o sempre e decidiu-se finalmente... (oh suprema tolice da vaidade!!!) pela tatuagem... Uma tatuagem fortíssima, bárbara, que lhe fez chorar lágrimas de sangue pela dor da operação mas que, a seu contento, vincou indelévelmente nos seus braços, o seu nome... a primeira sílaba do seu nome... Dot... «Trade Mark»... Ma-de in... U. S. A.!

Outra mania, menos digna de castigos corporais do que aquela que acabamos de descrever, é, sem dúvida, a de Clotilde Sakharoff, cuja foto publicamos, reproduzindo-a na sua criação favorita de bailarina: a interpretação mimo-coreográfica de «A morte do Cisne», de Saint-Saëns. A formosíssima e esbelta dançarina russa, que a vertigem do cinema roubou à coreografia, tem, com efeito, uma pequenina mania bem singular. Antes de começar a trabalhar perante qualquer público desconhecido ou num novo filme, Clotilde Sakharoff jejua!... E não pensemos que o seu jejum é meramente teórico ou tem a leveza física duma penitência mal cumprida! Não senhor!...

A belíssima bailarina jejua exacta e rigorosamente... três dias antes de debutar nal-

gum teatro ou de pousar para a primeira scena de qualquer produção cinegráfica.

Agora uma maniasinha simpática, mesmo muito simpática. Trata-se de Alice Terry.



Clotilde Sakharoff dançando

«A morte do Cisne», de Saint-Saëns

arqui-formosa loira que tem por esposo um dos mais célebres encenadores do mundo, o grande Rex Ingram, quer sempre, em todos os seus filmes e procurando sempre qualquer pretexto, exhibir o seu cãesinho de luxo, um bratinho formoso, mandrião e amigo de festas que dá pelo lindo nome de Ramon...

(devemos lembrar-nos de que Ramon Navarro é o galã de todos os grandes filmes de Alice Terry...) e que é tratado pela dona com requintes de amizade e de carinho. O facto de, junto às suas inesquecíveis expressões de ternura, de altivez e de sublimidade, aparecer a expressão (?) fochinhuda do cãesito orelhudo, dá a Alice Terry a certeza de ter feito bom trabalho!... Mistérios da superstição que ninguém pode desvendar.

O peor foi que, uma vez, como o encenador se opuzesse houve conflito e por fim Alice Terry cedeu com a condição de tirar e fazer correr mundo a foto lindíssima que reproduzimos!...

Manias das estrelas!...



Alice Terry e o seu cãesinho favorito